

Ativismos LGBT no Oeste da Bahia situação atual e potências políticas

Denise D.A. Sousa (IC)¹, Carlos H.L. Lima (PQ)^{1*}

Universidade Federal do Oeste da Bahia, ¹Centro das Humanidades, CEP 47810-059, Barreiras, Bahia, Brasil.

*E-mail: carlos.lima@ufob.edu.br

Palavras chave: activismos, LGBT, queer.

Abstract

The activism LGBT Project in Western Bahia: Current Status and Power Policies proposes, from the perspective of Queer Studies and Cultural Studies map entities and NGOs in the West Region of Bahia categorize the types of activism and their actions identify LGBT social areas and actions in the field of culture that visibilize from discuss issues related to LGBT communities and propose actions that can empower and give voice condition people to a greater or lesser extent, dissent of gender and sexuality.

Introdução

O Projeto Ativismos LGBT no Oeste da Bahia: Situação Atual e Potência Políticas propõe, a partir da perspectiva dos Estudos Queer e dos Estudos Culturais, mapear entidades e ONGs na Região Oeste da Bahia; categorizar os tipos de activismos e suas respectivas ações; identificar os espaços de sociabilidade LGBT e as ações no campo da cultura que visibilizem essas identidades para, a partir daí, problematizar questões vinculadas às coletividades LGBT e propor ações que possam empoderar e dar condição de voz às pessoas que, em maior ou menor medida, dissitem de gênero e sexualidade

Material e Métodos

Usou-se nesta pesquisa além da realização de observações e leitura do referencial teórico dos Estudos Queer, uma investigação documental na internet visando a procurar por casos de assassinatos de homossexuais na região Oeste da Bahia. Para além disso, essa pesquisa evidenciou tanto a primeira união estável entre pessoas do mesmo sexo, quanto os coletivos e grupos de pesquisas, acadêmicos ou não, que se dedicam às questões de gênero e sexualidade. Realizaram-se, ainda, entrevistas semiestruturadas com ativistas LGBT.

Resultados e Discussão

Os ativistas não associativos nesta pesquisa são pessoas que se dispõem a lutar por uma causa mesmo que sozinhos, ou seja, não possuem amparo do Estado, de instituições ou condições financeiras, mais possuem motivações que os conduzem a se dedicar a pautas de direitos humanos, como é o caso do ativista João Felipe Lacerda o qual, em entrevista, informa que o que o levou a militar pelas questões de gênero foi a discriminação que sofreu na Câmara de Vereadores da cidade de Barreiras. Na ocasião, uma vereadora pediu que retirassem “aquela *bicha louca*” do local. Apesar da grande ausência de atores legislativos para representar as pessoas LGBTs, na região Oeste há instituições que apoiam a promoção de ações com o intuito

de debater questões de gênero no âmbito universitário como é o caso da Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB), como o *Coletivo Feminista Ufob*, também o *Coletivo Dezembro arco-íris*. Para além dos coletivos os grupos de pesquisa espaços de discussões e disseminação de ideias, GGEEF-Grupo de Estudo sobre Gênero numa perspectiva feminista, coordenado por servidoras Técnicas Administrativas em Educação e Docentes, e o *Grupo de pesquisa Corpus Possíveis*, da UFOB.

Conclusões

O ativismo e as políticas públicas para as pessoas dissidentes de gênero e sexualidade tanto na região Oeste da Bahia quanto no Brasil ainda, infelizmente, são precários para não dizer, no caso específico de Barreiras, quase que inexistentes (políticas públicas).

É necessário que existam mais discussões e grupos ativistas cada vez mais preocupados com direitos igualitários que agreguem tanto as questões de gênero e sexualidade como quaisquer outros marcadores de diferenças; que haja mais pessoas na política lutando por direitos e que, como notou-se durante esta pesquisa, que o próprio poder público e suas instâncias possam olhar para esses sujeitos como *vidas que importam*.

O ativismo no oeste da Bahia não é uma utopia – no sentido de algo irrealizável. A cada dia ele vem crescendo e se tornando mais forte para enfrentar os preconceitos e as discriminações. As pautas de luta não passarão despercebidas, pois existem pessoas e grupos interessados em tornar a vida de todos e todas vivível. Existe, por fim, resistência. Existência. Re (ex) sistência.

Referências

- [1] B. Bento, L. Colling, Política da diferença: feminismos e transexualidade, Stonewall 40 + o que no Brasil? Salvador, Edufba, (2011).
- [2] J. Buttler, Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, (2003).